

Ambiências climatológicas urbanas: pensar a cidade pós-moderna

Fabio La Rocca*[%]

Resumo: Aplicaremos a hipótese kuhniana da revolução científica à cidade. Mostraremos assim que é preciso ficarmos atentos à constante evolução das formas e maneiras de experienciar os espaços citadinos. A cidade já não pode ser pensada numa óptica rudimentar, de ordem funcionalista, típica do modernismo. Antes pelo contrário, pretendemos, à semelhança dos pós-modernistas, exprimir as oscilações do clima urbano e das ambiências quotidianas. A noção de climatologia afigura-se, de forma similar à dos meteorologistas, como sendo necessária para determinar o clima do presente nos lugares da paisagem urbana.

Palavras-chave: paradigma, cidade, pós-modernidade, climatologia.

A cidade, em princípio, oferece-se ao nosso olhar numa multiplicidade de formas, ao mesmo tempo arquiteturais, espaciais e sociais, onde se desenrolam as experiências diárias dos indivíduos, com os seus reflexos simbólicos sobre a vida social. Deste modo, põe-se em forma uma modalidade de complexidade que constitui a substância vital da existência da própria cidade, um processo a pensar como uma conformação essencial da experiência urbana. Recordemo-nos das intuições da Escola de Chicago, no início do século XX, tradicionalmente concebida como o momento fundador da Sociologia urbana, para a qual o meio urbano representa a tentativa mais coerente e mais conseguida pelo homem na sua vontade demiúrgica de estruturar o mundo no qual vive. Assim, a cidade torna-se um grande laboratório de investigação do social, onde se concentram as mutações e as transfigurações da sua composição e das actividades expressivas próprias aos indivíduos. A cidade apresenta-se, aos nossos olhos, na sua realidade variável, forjando assim visões diferentes, associadas aos diversos momentos históricos.

* Investigador no CEAQ (Centre d'Études sur l'Actuel et le Quotidien, Paris-Descartes, Sorbonne).
E-mail: fabio.larocca@ceaq-sorbonne.org / fabiuslaroc@yahoo.com

Neste sentido, no discurso sobre a cidade, uma mudança de paradigma faz-se valer, uma mudança que segue de perto a evolução do pensamento no domínio das ciências sociais. Por conseguinte, poderíamos vincular as mutações verificadas na cidade com a intuição sociológica proposta por Thomas Kuhn, na sua obra *A Estrutura das Revoluções Científicas* (1962).

Este autor propõe-nos a ideia de que cada época, com as suas práticas sociais, a sua linguagem, a sua experiência do mundo, produz uma estrutura imaginária que denomina de paradigma. Ou seja, uma visão do mundo sobre a qual se alicerça o pensamento que, no seu sistema, atravessa de forma circular um momento de crise, conduzindo à passagem de uma forma à outra e, por conseguinte, a uma mudança de paradigma. Com bastante frequência, a crise implica uma proliferação de descobertas novas, ao fornecer informações e dados necessários para a visão da mudança. A hipótese kuhniana da revolução científica pode também ser aplicada à cidade. Com efeito, uma mudança a nível dos paradigmas científicos influenciará subseqüentemente uma nova visão da cena urbana que, através das situações históricas, vê a sua própria natureza consideravelmente alterada.

Uma cidade, pela sua natureza, nunca pode ser estática, promove constantemente a “novidade”. É necessário então ter em atenção a constante evolução das suas formas e as maneiras de experienciar nos seus espaços: o *esperire* do mundo urbano. Trata-se, neste caso, de produzir uma reflexão caracterizada por uma “ontologia da actualidade” que determina o nosso pensamento e o nosso olhar sobre o mundo tal qual como é. Prender-se assim a uma proposta de visão da actualidade das ambiências urbanas conduz-nos, desse modo, a uma espécie “de colocação”. Esta ideia da “colocação” é desenvolvida por Gianni Vattimo na sua reflexão sobre a pós-modernidade. No domínio da filosofia, a actualidade da qual fala Vattimo é a do pensamento pós-metafísico, e por conseguinte, a de uma superação da modernidade que nos encaminha na direcção de uma nova fundação: a que Nietzsche e Heidegger procuraram na sua relação crítica com o pensamento ocidental (Vattimo, 1985: 10-11)¹.

Desta maneira, “a colocação” da cidade pós-moderna deve ser aplicada à visão de uma nova ontologia da actualidade urbana, em concordância com a mudança de paradigma do pensamento. O anúncio da “morte de Deus” por Nietzsche na *Gaya scienza*, a ideia de Heidegger do declínio da metafísica, o fim das grandes narrativas operada por Lyotard constituem, de uma certa maneira, os fundamentos, ou antes, quando considerados no seu conjunto, o quadro de referência do advento do pós-modernismo.

A partir destas considerações, o estatuto do saber deve ser alterado. Trata-se, no fundo, de uma nova modalidade de sentir e pensar que, por conseguinte, vai modificar a nossa maneira de sentir, de pensar e viver a cidade. A forma e a experiência urbanas adquirem simplesmente uma dimensão “outra”, em concordância com estas mudanças do pensamento. Assim, já não se pode pensar a cidade numa óptica rudimentar, de ordem funcionalista, típica do modernismo. Recordemo-lo, na base do funcionalismo moderno

¹ Vattimo desenvolve também o seu pensamento sobre o pós-moderno no ensaio *Ontologia dell'attualità* (título esse que se refere ao texto de Foucault), in *Filosofia* 87, sob a direcção de G. Vattimo, Bari, Laterza, 1988, pp. 201-223.

havia a ideia de considerar a função como sendo prioritária em relação à forma: *forms follows function* era o famoso *slogan* do arquitecto americano Louis Sullivan.

Contrariamente aos urbanistas modernos que procuravam o controlo da cidade como totalidade, ao projectar uma forma “fechada”, os pós-modernistas tendem para situações “abertas”. Situações que podem ser entendidas como uma maneira de agir e construir o espaço, não somente do ponto de vista da estrutura arquitectural e do urbanismo em geral, mas também do da valorização do quotidiano que se exprime através das acções e das práticas dos indivíduos. O que está em causa é claramente da ordem da espacialização da existência, isto é, um processo de elaboração simbólico do espaço que emerge nas práticas da vida quotidiana. O espaço oferece-nos uma multiplicidade de oportunidades, permite uma construção de situações que lhe confere um sentido. Mas é um duplo sentido que está a ser posto em prática: por um lado, a especificidade espacial nos seus múltiplos aspectos; por outro, as manifestações singulares dos indivíduos.

Com o que foi dito, é necessário entender uma continuidade de significado nesta relação espaço/indivíduo, e considerá-la como uma chave-mestra que exprime as oscilações do clima urbano e das ambiências quotidianas. Aliás, nesta lógica, podemos vincular a análise heideggeriana do ser à análise de “ser-cidade”, que é, por conseguinte, uma condição existencial para uma compreensão da realidade urbana e social numa óptica de mudança das formas e dos significados simbólicos dos diversos estilos através das quais vivemos uma cidade. Estilo esse que particulariza as maneiras pelas quais as presenças sociais dos indivíduos se manifestam, nas suas atitudes grupais, manifestação de apropriação dos lugares que, desse modo, impulsam um ritmo específico à vida urbana. Ritmo esse que actua e que podemos observar nas expressões quotidianas e no enraizamento dinâmico onde, como no-lo explica Maffesoli: “os frenesins corporais, as exaltações musicais, as contorções teatrais, as histerias típicas da religiosidade contemporânea, estão aqui, como outros tantos indícios de uma coreografia social, com significado essencialmente ctoniano” (2004: 43).

Esta evidência poderia, ao mesmo tempo, aproximar-se da ideia de fundar uma teoria da morfologia urbana e social que colocaria a relação entre a sociedade e o meio no centro da sua reflexão. Uma espécie de ecologia como arquétipo da vida urbana, com a premência dada às relações espaciais nas diversas “zonas naturais” das cidades, onde, com toda a simplicidade, o quotidiano do homem se desenvolve nas suas múltiplas facetas. Em substância, a existência de uma cidade é sinónima de um estar no mundo. Tal afirmação encontra-se bem ilustrada na fórmula de Augustin Berque: “o ser humano é um ser geográfico” (2000). Vemos então nitidamente que não há ser sem lugar, e, de certa maneira, esta característica encontra-se fundamentalmente reforçada na óptica pós-moderna que, nos seus traços distintivos, é caracterizada por uma redescoberta do espaço e do seu simbolismo.

A centralidade da dimensão espacial, como modalidade de experiência – acarinhada por Simmel – é o sinal de um dinamismo social que indica extremamente bem a actual situação climatológica da cidade contemporânea. Por um lado, a forma e as modalidades específicas da cidade física, por outro, a sensibilidade da experiência estética

dos indivíduos que dão um sentido ao lugar. Uma ideia obsessiva que desenvolve um equilíbrio entre *mindscape* e *cityscape*, e, conseqüentemente, entre o panorama físico da cidade e a sua alma e cultura. Por este motivo, a conotação de uma cidade pós-moderna é conferida por um conjunto de práticas culturais, por uma diversidade de tribos urbanas, de sinais e de símbolos que fazem com que a actual fisionomia corporal da cidade receba significados novos. Assistimos então a um espaço em movimento contínuo, em constante renovação, um espaço que nos proporciona informações e indícios sobre o estado de uma sociedade, sobre o curso da evolução que se opera nesta grande máquina que é a cidade.

A cidade do século XXI exerce uma fascinação muito peculiar no clima social actual. Por essa razão, ela não deve mais ser pensada e vivida no seu simples aspecto funcional, ou ainda descrita como a manifestação visível e elementar da organização social e da racionalidade moderna, organização e racionalidade essas que impuseram uma lógica unificadora que tende a negar e a marginalizar as diversas características do imaginário dos microcosmos urbanos, os lugares do simbolismo das múltiplas tribos. O que a ruptura paradigmática pós-moderna, tanto no domínio das ciências como no da condição urbana, põe claramente em evidência é a exaltação da vitalidade urbana e a cisão com esquemas pré-constituídos que dão ênfase ao famoso provérbio alemão do século XV – referenciado por Weber e Marx – *Stadluft macht frei*: “o ar da cidade torna livre”. Este ditado medieval, que formalmente podia apontar para um certo desenraizamento, não representa mais o eco de um incentivo para abandonar o campo em prol da cidade.

De acordo com a nossa visão, este ditado deve ler-se em conformidade com o espírito do presente da metrópole difusa, no sentido de uma liberdade de investimento dos actores sociais nos múltiplos lugares, de uma liberdade de gozar as formas estéticas na sua dimensão quotidiana de práticas: paisagens urbanas, encontros, percursos. Por conseguinte, uma liberdade que deve ser entendida como uma diversidade dos humores, uma vivacidade orgânica que penetra a heterogeneidade do real, dando assim forma a uma diversidade de ambiências da experiência vivida. Uma liberdade, ainda, que revigora o espírito da cidade, que recentra a atenção sobre a estética quotidiana, enquanto *patchwork* de estilos e de identidades, onde predomina a diversidade das formas, o significado dos lugares, e que se traduz na necessidade de uma manifestação social com toda uma série de novos códigos e expressões simbólicas, que formam o cenário do imaginário urbano. Um imaginário que, com toda a certeza, abrange a totalidade de um universo existencial, de uma proximidade quotidiana que se exprime no tribalismo, no apego aos lugares significativos que se manifesta em situações “abertas”, onde se denota um certo vitalismo. Em suma, uma gramática urbana para “dizer” a cidade e as maneiras de a habitar que, no conjunto, constituem um universo de significados que permitem experimentar as “novidades”. Além disso, o adjectivo “novo” é frequentemente solicitado para designar a cidade contemporânea, mas a sua utilização deve antes ser compreendida como o sinal de uma mutação de ordem qualitativa, por meio da qual a cidade torna a adquirir uma “nova centralidade”, indício de uma metáfora prática e simbólica do seu estatuto. De uma forma similar, a palavra “novo” indica também as

mutações do território metropolitano, transformado num *continuum* de especificidades que o metamorfoseiam, formando uma espécie de *cosmopolis*, isto é, um vasto conjunto de múltiplas expressões que se referem à actual condição urbana, representativa da tecnologização do espaço, do ludismo urbano, da teatralização carnavalesca das ruas, da conquista simbólica tribal, do hedonismo arquitectural. Essas coisas, e outras tantas ainda, apontam para uma sensibilidade que corresponde ao ar do tempo, para uma pós-modernidade que já não está em gestação, mas já realizada, embora alguns duvidem ainda dos seus efeitos.

De uma forma geral, é o próprio tipo de relação com o quotidiano que reencontra uma importância estratégica nas maneiras de abordar as ambiências pós-modernas. Uma espécie de redescoberta do espaço, como o dizia Frederic Jameson (1989), ou do quotidiano, de acordo com Bruce Bégout (2005), onde o nosso corpo imerge no labirinto, numa espécie de queda e de perda no espaço, no sentido de poder experimentar as suas sensações, as suas emoções, no contacto com a energia vital da cidade. O que dá um sentido à nossa reflexão é, antes de mais, a acentuação dos traços distintivos ou dos caracteres essenciais que caracterizam a atmosfera quotidiana. Dito por outras palavras, uma constelação de fragmentos que envolve o *puzzle* do imaginário contemporâneo. Isto gera uma particularidade da visão: uma “climatologia” do nosso tempo que exprime o ar no qual nos banhamos e que orienta o olhar para as situações do quotidiano.

A climatologia serve de base para uma imagem da cidade pós-moderna e afigura-se, de forma similar à dos meteorologistas, como sendo necessária para determinar o clima do presente nos lugares da paisagem urbana. Uma climatologia sociológica e cultural que origina observações sobre os parâmetros que caracterizam a cidade, à semelhança da “temperatura social”, do “vento cultural”, das “precipitações simbólicas”, das “nuvens estéticas”. Por meio de tais considerações, a viagem nos meandros das cidades desenharia uma viagem no próprio coração da climatologia pós-moderna, na atmosfera de um tempo que se espacializa. “Einsteinização” do tempo, como o diria Gilbert Durand: por conseguinte, o tempo contrai-se em espaço, conferindo assim um novo significado, uma nova acentuação da espacialidade. Espacialidade essa que poderia ser denominada de “imaginal”, e que contribui para a acentuação do presente.

Esta climatologia pós-moderna cria o efeito do “lugar-tempo”, no qual podemos observar a exposição da vida quotidiana urbana, e onde, como no-lo mostra a análise de Maffesoli, se verifica a “fecundidade da sinergia entre espaço e socialidade” (2003: 60) que exprime uma identificação estética e uma “nova estilística da existência” (2002: 275). A analogia climatológica dá-nos então a percepção da ambiência global na qual mergulhamos, aptos a captar e a apreender as mudanças de *épistémè* que se operam na nossa sociedade e na configuração da cidade contemporânea.

Partilhando aqui a reflexão de Habermas – que se inscreve numa análise da crise da modernidade – de uma concepção da cidade estritamente ligada ao nosso modo de vida, podemos antever, na atmosfera actual, a celeridade de uma mudança paradigmática das formas existenciais urbanas e sociais, em simbiose com o ar que respiramos. A lingua-

gem da cidade, o seu aspecto sensível, o seu significado arquitectural, a sua antropologia das tribos efémeras assumem uma outra dimensão que influencia consideravelmente a visualização e a “imaginabilidade” da própria cidade, isto é, na óptica de Kevin Lynch (1960), a nossa capacidade de fazermos uma ideia, uma representação e que desenha uma imagem da cidade enquanto produto percebido.

Termos uma “imagem” da cidade: isto põe os nossos sentidos em conjugação, com o fim de compor um olhar, uma descodificação dos elementos urbanos. A legibilidade e a visualização da cidade na climatologia pós-moderna, tendo em conta a diversidade estética, permitem-nos conferir-lhe um sentido, assim como elaborar imperativos estilísticos para uma análise da sua permanente actualização. Uma cidade *work in progress*, uma espécie de unidade simbólica que precisa de novos indicadores, de metáforas expressivas que nos ajudam a recentrar o quadro de referência desta climatologia: “bladrannerização”, “*hype zone*”, “*software urbano*”, “corpos em interconexão”, “espectáculo feérico”, “nomadismo festivo”, outros tantos neologismos que vão dar uma conotação ao presente das cidades. Isto mergulha-nos num labirinto “sisifiano” ou “situacionista” do imaginário urbano que dota cada cidade de um ar específico e de uma poética sensível que reflectem a sua essência, o seu estado de alma, a sua vitalidade, o seu ser.

Trata-se de uma transfiguração que deve ser entendida como uma passagem de um antigo modo de ver para uma nova perspectiva que contribui para a compreensão das cidades contemporâneas através “de um saber ver” que implica uma educação do olhar sociológico, proposto no seu tempo por Simmel, para delimitar as características essenciais do *mundus urbanus*. Uma “sensitividade” social que se baseia nos imperativos atmosféricos (Ortega y Gasset) que permitem assim apreender, por meio de mecanismos psicofísicos, as regiões sensíveis do universo urbano. Um novo *nomos* urbano que desabrocha na superfície das cidades, convocando o nosso olhar para esclarecer e evidenciar, numa relação empática, as formas da centralidade urbana reencontradas pela pós-modernidade. É a partir deste ponto de vista que se pode fundar “uma ciência climatológica pós-moderna” dos lugares e das relações que se forjam e se tecem na cidade, para assim fazer surgir as suas dimensões multi-sensoriais. À maneira de Simmel, as formas vividas da metrópole vão constituir uma aproximação ao mundo, uma espécie de paradigma indiciário do espírito do tempo.

A aceleração e a transfiguração urbana na era actual propiciam então uma mudança de perspectiva, um outro tipo de paradigma, uma exigência de re-contextualização da visão da cidade com a ajuda de uma nova “mappe” cognitiva e sensível. Lembremos que, na tradição sociológica, adoptamos, durante muito tempo, um modelo dicotómico para descrever o contexto urbano na época da transição para a sociedade urbanizada e industrializada da modernização. A imagem ideal-típica que interpreta o advento do modelo societário encontra-se resumida na distinção, ou melhor dito, na passagem da *Gemeinschaft* (comunidade) para a *Gesellschaft* (sociedade), distinção operada por Ferdinand Tönnies (1887) e que interpreta o aparecimento da metrópole moderna, como sendo o lugar da racionalidade e da dominação do mercado.

Na mesma ordem de ideias, temos a perspectiva durkheimiana que opera a transição de uma solidariedade de tipo mecânica para uma solidariedade de tipo orgânica, alicerçada na divisão social do trabalho; e temos ainda a óptica weberiana, para a qual a cidade se reduz a uma instalação estável do mercado, sendo caracterizada pelas acções de tipo racionais em finalidade, num universo de desencantamento do mundo. Naturalmente, se centrarmos a nossa atenção na atmosfera actual, este quadro encontrar-se-á sensivelmente transformado. Em congruência com o espírito do tempo, a transição para uma cidade pós-moderna coloca a tónica sobre as comunidades estéticas e o reencantamento do mundo, sem deixar de lado os diversos fragmentos significativos do clima contemporâneo. Uma climatologia como condição *sine qua non* da cena urbana que melhor caracteriza o seu quotidiano, composta pelas práticas, pelos humores, pelos sentidos, pelas formas envolventes da arquitectura e por todos esses elementos que constituem a grelha de legibilidade da cidade contemporânea.

Se falamos sempre de crise da cidade, ou mesmo de morte da cidade, é porque isto coincide precisamente com a constatação do aniquilamento da esperança prometeica e cartesiana, consistindo em querer dar vida a uma cidade que ilustre a perfeição e que é conforme ao modelo do homem moderno. Pelo contrário, a cidade revitaliza-se e, na cena urbana, os mitos, os sonhos, os desejos ganham forma e testemunham um Renascimento urbano que faz apelo ao imaginário e à centralidade do quotidiano. Na actualidade das coisas, assistimos a um reencantamento da experiência urbana que age como uma força reaccionária contra a tentativa de secularização e funcionalização da cidade pelo movimento modernista. Se, ao colocar-se sob a égide da ciência e da racionalidade, a cidade tradicional da modernidade era o produto da eficiência e da funcionalidade, a cidade pós-moderna distingue-se, pelo contrário, por um prazer dos sentidos e concretiza a actuação do imaginário e dos desejos colectivos. O que está em jogo e o que se reforça, no processo de “metropolização” é uma abertura para a vida quotidiana. Uma sensibilidade necessária para captar o clima actual e interrogar-se sobre o imaginário no actual processo de transfiguração urbano que, como frequentemente acontece, é percebido de forma negativa e associado ao declínio e à crise. Um distopia catastrófica actua frequentemente nos discursos sobre a cidade. É o caso de algumas distopias urbanas videolúdicas, em especial nos imaginários construídos pelos videojogos, mesmo que estas constituam, num certo grau, um elemento interessante no domínio de uma cultura “mass-mediática”, lúdica, remetendo-nos para um outro tipo de narração urbana. Por exemplo, uma cidade “pixelizada” – que vamos reencontrar no imaginário tecnológico – uma espécie de modelo de mundos persistentes que se interrogam sobre os efeitos da urbanidade e sobre a construção imaginária da cidade.

Ou ainda o domínio da literatura – pensemos por exemplo na ficção científica – que nos oferece em contínuo um rico espaço imaginário para pensar a cidade; e a esse respeito poder-se-á pensar nas visões de J. G. Ballard, enquanto espécie de antecipação social, e até mesmo sociológica, de uma ficção científica urbana. Ou, finalmente, o cinema, essa lanterna mágica que nos faz viajar nos territórios do imaginário e penetrar por meio do ecrã nas constelações do universo metropolitano.

As trajectórias fluidas que se desenham nos aspectos climatológicos urbanos dão conta da riqueza da diversidade do espaço vital das cidades nos seus múltiplos contornos. Uma perspectiva existencial e experiencial do presente, que encontramos, de uma certa maneira, na pluma de Italo Calvino, nas suas “cidades invisíveis”, onde o *hic et nunc* constitui a base da avaliação dinâmica sociometropolitana, e onde podemos realçar as passagens de uma ambiência para outra, numa espécie de espiral. Movimento espiral que nos revela os cursos dos movimentos urbanos e os imperativos atmosféricos que caracterizam a cidade. Um arquétipo de um movimento do mundo e do pensamento sobre a cidade que configura o aspecto e a perspectiva climatológicos, esta textura do ar para apreender o que já está cá, que se dá a ver nas circunstâncias ambientais.

Com o intuito de tornar a colocar-se num contexto, o da climatologia, poder-se-ia imaginar uma ambientação da actualidade urbana, ver nas suas particularidades e nos seus elementos díspares outros tantos sinais disseminados no espaço e que constituem uma ecologia visual para reconfigurar a cidade do presente. Localizar os sinais, já não na concepção corrente da representação, mas sim ao enfatizar as condições de possibilidade oferecidas pela vitalidade urbana, pela multiplicidade do real. Trata-se aqui de uma constituição epistémica da cidade, de um conhecimento comum do mundo vivido, e, por conseguinte, de uma “cidade-logia”, e já não de uma simples sociologia da cidade.

Neste panorama, o caleidoscópio urbano, com os seus fragmentos, acentua os momentos vividos, o instante: um *aïon*, este presente imanente (Deleuze; 1969), no qual agem os territórios vividos. Por conseguinte, um tempo das mutações, de um presente que age à escala espacial, no qual a mudança “societal”, que tanto abarcava os modos de vida como as prospectivas espaço-arquiteturais, está a ser posta em prática.

Tradução de Jean-Martin Rabot e Ana Leite Vilela

Referências bibliográficas

- Berque, A. (2000) *Écoumène. Introduction à l'étude des milieux humains*, Paris: Belin, coll. Mappemonde.
- Begout B. (2005) *La Découverte du quotidien. Éléments pour une phénoménologie du monde de la vie*, Paris: Allia.
- Deleuze G. (1969) *Logique du sens*, Paris: Les Éditions de Minuit.
- Durand G. (1969) *Les Structures anthropologiques de l'imaginaire*, Paris: Dunod, 1993.
- Jameson F. (1989) *Il postmoderno o la logica culturale del tardo capitalismo*, Milano: Garzanti.
- Kuhn T. S. (1962), *La Structure des révolutions scientifiques*, trad. fr., Paris: Flammarion, 1972.
- Lynch, K. (1960) *The Image of the City*, trad. fr., *L'Image de la cité*, Paris: Dunod, coll. Masson Ho, 1998.
- Maffesoli M. (1992) *La Transfiguration du politique. La tribalisation du monde postmoderne*, Paris: La Table Ronde, coll. La Petite Vermillon, 3^{ème} édition, 2002.
- Maffesoli M. (2003) *Notes sur la postmodernité. Le lieu fait lien*, Paris: Le Félin.
- Maffesoli M. (2004) *Le Rythme de la vie. Variations sur l'imaginaire postmoderne*, Paris: La Table Ronde.
- Simmel, G. (1981) *Sociologie et épistémologie*, Paris: PUF.
- Vattimo, G. (1985) *La fine della modernità. Nichilismo ed ermeneutica nella cultura postmoderna*, Milano: Garzanti.